

PERCEPÇÕES DAS DIFERENTES FORMAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO INCLUSIVO: UM RELATO DE CASO

Nicole Fernandes Góes¹
 Júlia Fernandes Góes²
 Lissandra Corrêa Fernandes Góes³
 João Marcos de Góes⁴

RESUMO

O processo de aprendizagem ocorre de forma individual, de acordo com as particularidades e história de cada indivíduo, não existindo uma metodologia universal que funcione para todos os alunos. Cada criança possui suas próprias necessidades, especialmente no caso de crianças neurodivergentes, uma vez que os transtornos impactam não só a aprendizagem, mas também o desenvolvimento social e emocional das crianças. Nesse sentido, estudos recentes corroboram a importância da interdisciplinaridade nestes casos onde, por exemplo, psicólogos ajudam nos aspectos comportamentais, os terapeutas ocupacionais trabalham as habilidades motoras e os professores adaptam métodos pedagógicos para tornar o aprendizado inclusivo. O presente artigo tem como objetivo relatar minha experiência como professora de reforço escolar, acompanhando um aluno disléxico e outro com transtorno do espectro autista (TEA), além de identificar as metodologias pedagógicas mais eficazes para cada um deles e proporcionar um ambiente de aprendizagem inclusivo. Durante as aulas foi nítido o maior aproveitamento das crianças em atividades com menos escrita e mais apoio visual e verbal, ou seja, o uso de imagens e figuras despertou maior interesse e facilitou o aprendizado do conteúdo. Alunos com dislexia, embora possam compreender bem os assuntos explicados, frequentemente enfrentam dificuldades na escrita e é fundamental que esses alunos sejam acompanhados com empatia e motivação, sem que se sintam diferentes dos demais. Para isso, em cada revisão, era necessário que eu estivesse ali, ao seu lado, ajudando ora com a pronúncia, ora com a escrita de determinadas palavras. Além disso, pude observar que as questões dissertativas eram um grande desafio para a criança, portanto, optei pelo uso de questões objetivas. Dessa forma, ele conseguiu evoluir e acompanhar os demais estudantes em relação aos conteúdos aplicados em sala de aula. No segundo caso, tive a oportunidade de auxiliar um aluno com TEA, que apresentava certo desconforto ao sentar e escrever. Logo, comecei a procurar alternativas para que ele pudesse fixar melhor o conteúdo, e assim criei um jogo de perguntas e respostas, onde ele poderia responder oralmente todas as perguntas que eu fizesse à ele. O uso de imagens e jogos torna o ensino mais atrativo e estimulante além de proporcionar a socialização. Assim, o processo de aprendizagem foi mais fluido e gerou mais resultados, evidenciando que ele conseguia compreender o conteúdo, apenas precisava encontrar uma metodologia que transformasse o estudo em algo prazeroso e eficiente. Autores como Varmassera, Coutinho, Batista, entre muitos outros, defendem a inclusão no ambiente escolar e enfatizam que isso requer mudanças culturais, políticas e educacionais. Incluir um aluno

¹ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (Piauí) nicfgoes@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Uninassau - Parnaíba (Piauí), jfgoes02@gmail.com;

³ Doutora no Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí - Parnaíba (Piauí) lissandracorrea@phb.uespi.br;

⁴ Doutor no Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (Piauí), joaogoes@ufdpar.edu.br;



no ambiente escolar não se trata apenas de criar ferramentas educacionais mas sim inserí-lo social, educacional e emocionalmente e desta forma a aprendizagem será efetiva.

Palavras-chave: Abordagens educacionais, Adaptação pedagógica, Acessibilidade, Individualidade, Neurodivergência.